

**ANAIS DO II COLÓQUIO DO LAHES:
MICRO HISTÓRIA E OS CAMINHOS DA
HISTÓRIA SOCIAL**

Comissão Organizadora:

Prof^a Dr^a Carla Maria Carvalho de Almeida (UFJF)

Prof^o Dr Cássio Fernandes (UFJF)

Prof^a Dr^a Mônica Ribeiro de Oliveira (UFJF)

Prof^a Dr^a Sônia Maria de Souza (UFJF)

Promoção:

Laboratório de História Econômica e Social

Programa de Pós-graduação em História da UFJF

Apoio:

Pró-Reitoria de Pesquisa

Instituto de Ciências Humanas

FAPEMIG

CAPES

Editoração:

Bianca Portes de Castro

Ficha Catalográfica:

II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social (2008: Juiz de Fora, MG). Micro História e os caminhos da História Social: Anais / II Colóquio do LAHES; Carla Maria Carvalho de Almeida, Mônica Ribeiro de Oliveira, Sônia Maria de Souza, Cássio Fernandes, organizadores. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008, <http://www.lahes.ufjf.br>.

ISBN: 978-85-88532-29-8

1. História 2. História Econômica e Social. I. Carla Maria Carvalho de Almeida. II. Mônica Ribeiro de Oliveira. III. Sônia Maria de Souza. IV. Cássio Fernandes.

CONCEIÇÃO E ROQUE: INDÍCIOS PARA UMA HISTÓRIA SOCIAL EM UM ESTUDO SOBRE CARTAS DE AMOR

Emilly Oliveira Lopes Silva^{*}
Pedro Ivo de Oliveira Munhoz^{**}

Introdução

Herman Hupfeld, personagem ainda desconhecido nos anais da historiografia contemporânea, talvez tenha sido pioneiro em sua reflexão sobre o local ocupado pelo amor e pelos relacionamentos amorosos nos turbulento século XX, em memorável obra de 1931. Dizia ele, em suma, que a despeito das novidades introduzidas pela ciência, das mudanças nos costumes, da vertiginosa sucessão de eventos políticos e sociais, alguns aspectos inerentes aos relacionamentos amorosos representavam certa estabilidade, “portos seguros”, de um mundo que parecia esfacelar-se. Ao falar do caráter imanente de práticas como o beijo, a apreciação das canções de amor e do efeito da luz do luar sobre os corações apaixonados, Hupfeld concluía, otimista, que mesmo em meio ao universo de incertezas que marcava sua época, “o mundo sempre acolheria os amantes”, a revelia ou a despeito da passagem do tempo.

A obra de Hupfeld popularizou-se de forma inusitada por um veículo, então, muitíssimo privilegiado: o cinema. Sua canção, *As time goes by*¹, tornou-se trilha sonora de um clássico atemporal, o filme *Casablanca*, de 1942, obra conhecida e possivelmente apreciada pelos protagonistas da história que ora se pretende esboçar.

Conceição Soares de Melo e Roque Ribeiro tinham como marco inaugural de seu relacionamento um encontro, ocorrido em 13 de janeiro de 1957, em uma sala de exibições cinematográficas da capital mineira, o Cine Acaiaca.

Não, o primeiro filme que os dois assistiram juntos não foi *Casablanca*, mas uma singela comédia de Oscarito, dirigida por Carlos Manga, *Colégio de brotos*, produção de 1956. Mas é o clássico de Michael Curtiz, protagonizado por Humphrey Bogart e Ingrid Bergman que é evocado por Conceição quando ela pergunta ao seu amado: “Você seria

^{*} Graduação em História-UFMG, bolsistas de Iniciação Científica do CNPq-Brasil. E-mail: emilly_lopes@yahoo.com.br

^{**} Graduando da UFMG. E-mail: pmunhoz26@gmail.com

¹ *As time goes by*, letra e música de Herman Hupfeld. © 1931 Warner Bros. Music Corporation, ASCAP.

também capaz de me amar assim? Apesar da distância, apesar do tempo?”, em carta de 6 de junho de 1957.

Conceição, não era, no entanto Ingrid Bergman e Roque, tampouco, era Bogart. Chamemo-los de personagens ou protagonistas mas sem, jamais, perder de vista que eles não eram ficcionais. Parece ser uma advertência fútil, desnecessária, mas como estamos a discorrer, em última análise, sobre um *romance*, a tentação em enxergar esta história sob um filtro idealizado, ficcional, impõe-se não somente aos leitores casuais (intrusos) das cartas, mas também, em certa medida, aos próprios "protagonistas", de quem não se pode censurar o direito de se identificarem com personagens dos filmes que assistiam ou dos romances que liam.

Ela era uma professora de 37 anos, nascida e residente em Pará de Minas, entranhadamente católica, criada em um ambiente familiar tradicionalista. Se não se pode dizer ao certo que sua família era abastada, na correspondência abundam indícios de que gozava de prestígio local e que era politicamente bem relacionada. Passava, em janeiro de 1957, férias em Belo Horizonte.

Roque, por sua vez, era um funcionário público de 48 anos de idade, “celibatário” por convicção, com um passado tumultuado e um futuro incerto. Nascido em Rio Novo, na Zona da Mata mineira, mas criado em Caratinga, teria atuado, em princípios da década de 1950 no meio jornalístico desta cidade². Um evento, até agora obscuro, que aparentemente culminou em uma tentativa de assassinato em que ele figurava como vítima, levou Roque Ribeiro a tentar recomeçar a vida na capital mineira. Lá residia, ao que parece, em um hotel.

Assim encontramos nossos personagens quando se inicia o relacionamento entre eles. A constante e rica correspondência epistolar do casal inaugura-se com o retorno de Conceição para sua cidade em fevereiro de 1957 e perdura até 1962, quando eles já se encontravam casados.

As cartas de amor trocadas entre os dois constituem uma fonte quase inesgotável para o historiador que pretenda estudar o período. Organizadas e encadernadas em ordem cronológica e dialógica pelos próprios produtores do *corpus*, as cartas contam, basicamente, de forma fragmentária, a história de um encontro, que gerou afetos mútuos entre os envolvidos e desenvolveu-se, posteriormente, em *um namoro*, *um noivado* e *um casamento*.

² "O Roque Ribeiro mexeu com jornal em Caratinga na década de 50 e foi parceiro do Chico Nego. Os dois trabalhavam no jornal A LUTA. [...] Sei que o Roque sofreu agressões em Caratinga por matéria publicada em seu jornal..." (informação fornecida por um jornalista de Caratinga, por e-mail, a um dos comunicadores em 6 de junho de 2008).

O foco da escrita epistolar era, obviamente, o relacionamento entre os autores, mas nela desenha-se, de forma nem sempre sutil, indícios de uma ambiência sócio-cultural que pode ser vetorizada para múltiplas abordagens históricas. Ingênuo seria acreditar que cartas de amor falem apenas do relacionamento amoroso: fala-se, sob a lente dos afetos, sobre basicamente tudo o que se *poderia dizer* em uma carta de amor.

Ali, descortinam-se visões de mundo, entrevê-se o cotidiano, o corriqueiro (às vezes acompanhados de impressões pessoais dos autores), fala-se sobre política, religião, moral, família (real ou idealizada) e tantos outros assuntos, frizando-se que, no entanto, o modo e a razão do surgimento desses tópicos não perdem de vista a dimensão sentimental que nos permitiria classificar esta correspondência epistolar em especial como *amorosa*. Defende-se, pois, que na subsunção do *corpus* analisado ao crivo da crítica documental, aplicável a qualquer fonte em um trabalho historiográfico, não se perca *a lente afetiva*, o propósito e o contexto emocional da escrita epistolar, levando em conta as implicações destes fatores para com as visões de mundo ali esboçadas.

O propósito desta comunicação é, primeiramente, o de apresentar e legitimar um *corpus* documental inédito, e até o momento, inacessível para a comunidade de pesquisadores. Optou-se, para esse fim, em empreender um esforço descritivo dos autores das cartas com base, de forma quase exclusiva, em excertos extraídos da própria correspondência. Por este meio, pretende-se minorar o "abismo" existente entre os autores desta comunicação, que tiveram acesso irrestrito à documentação e seus ouvintes, que ainda não tiveram nenhum tipo de contato com os documentos. Como resultado desse esforço, espera-se que, na descrição dos autores-protagonistas da correspondência, desenhem-se, para os interessados, possibilidades de pesquisa, questionamentos individuais, que podem ou não, ser o marco inicial ou uma contribuição de algum espectro a um trabalho propriamente historiográfico.

Diante de uma documentação desta natureza, em que os autores apresentam suas próprias versões e interpretação sobre os acontecimentos que protagonizaram (ou viveram, ou testemunharam), não nos parece complicado enxergá-los como agentes históricos. A simples constatação deste fato nos parece óbvia e, desacompanhada de problematizações, algo estéril. Cabe-nos, como historiadores, buscar, nos indícios fornecidos pela documentação, o conjunto de injunções culturais, sociais e (porque não?) factuais ou acidentais que orientaram suas ações e o *terreno* onde elas se davam. Resta também a possibilidade de entrever, nas palavras, "meias-palavras" e silêncios dos protagonistas, possibilidades de se proceder, por meio de uma leitura crítica de uma documentação deste tipo e do cruzamento com outras fontes, a uma pesquisa que aborde qualquer dos temas sugeridos pela leitura das cartas.

Sendo assim, a metodologia informada pelo micro história afigura-se como a mais apropriada para um trabalho que tenha como objetivo pesquisar o relacionamento amoroso entre duas pessoas “comuns”, posto que

*a história cultural tal como concebida por Carlo Ginzburg se interessa pelo detalhe e pelo contexto, pelas micro e pelas macro-questões que, articuladas, podem nos aproximar um pouco mais de nossos antepassados. Decifração de indícios, ciência do particular, a história cultural se move em terreno acidentado e misterioso e, sem prescindir jamais das fontes, autoriza alguns vôos, muitos deles também noturnos, já que “a tentativa de conhecer o passado também é uma viagem ao mundo dos mortos”.*³

Dessa forma, apropria-se, para esta comunicação, daquilo que Ginzburg definiu por *paradigma indiciário* (GINZBURG, 2007) como método de investigação; buscando detalhes, como fazia Morelli, pistas e vestígios, seguindo os passos de Sherlock Holmes, o proposital e os deslizos, em uma perspectiva freudiana, enfim, coletando indícios ao longo da documentação que possibilitem uma interpretação histórica sobre as cartas de amor em análise.

Cabe ainda ressaltar que a pesquisa encontra-se em fase inicial, e, por isso, esta comunicação não pretende mais do que, apresentando a documentação, apontar “sinais” extraídos das cartas e esboçar interpretações, sugerindo possibilidades de pesquisa no campo da história.

Para tanto, nos permitiremos um breve esforço de “verticalização” em uma das temáticas sugeridas pelas cartas. A escolha recaiu sobre o que convencionamos chamar de “cultura política” dos protagonistas, aspecto que, dentre muitos outros aguçou nossos olhares. O critério para a escolha de “verticalização” nessa temática específica – entre tantas que aparecem como vetores possíveis de pesquisa – não foi fácil, mas afigura-se como a mais abrangente, tanto por tocar, periféricamente, em outras *temáticas*, como por ser especialmente útil no sentido de “nuançar” as sínteses e generalizações historiográficas sobre o tema no período do recorte.

³ HERMANN, J. *A História Cultural de Carlo Ginzburg*. In: <http://www.ifcs.ufrj.br/humanas/0013.htm>

"Procuremos nos conhecer bem..."

[...] amanhã, domingo, vou assistir "O amanhã é eterno". Não sei se é bom filme. Estou gostando do seu nome. Vou pedir a Deus, amanhã [sic], na missa, que também seja eterno "o nosso amanhã", eterno na duração, eterno na compreensão, eterno no amor. Só não quero que tenha "Melodia Imortal!"

Conceição, Pará de Minas, 27 de abril de 1957

O Amanhã é Eterno. Assisti, há tempos, esse film [filme], com Claudet Colbert e Orson Welles, ator que fiquei conhecendo de vista no Rio de Janeiro. Rosado, gordo, simpático, e que, descendo no Aeroporto Santos Dumont, trazia decorada lá de Hollywood, está frase, que pronunciou em largos gestos: "Olá amigos brasileiros!"

Bom ou mau, o amanhã é sempre eterno. Vamos conjugar nossos esforços, visando um eterno amanhã, calmo, cheio de felicidade tanta quanto nos seja possível obter nesses tempos?

Roque, Belo Horizonte, 30 de abril de 1957

Os perfis de Conceição Soares de Melo e de Roque Ribeiro traçados neste capítulo foram propositalmente extraídos dos termos usados para defini-los na própria documentação, ora com termos empregados pela própria pessoa descrita, ora por sugestões e indícios pincelados da composição epistolar de seu interlocutor (a). Usamos aqui de expressões constantes principalmente das primeiras cartas, quando os termos do relacionamento entre os protagonistas encontravam-se ainda em terreno um tanto movediço, incerto.

São, portanto, os termos de uma negociação que viabilizará ou não a continuidade da relação amorosa entre os dois, que naquele momento desenhava-se apenas como uma possibilidade, uma sugestão. As primeiras cartas são o espaço como os autores das epístolas se apresentam um ao outro e criam, a partir das próprias cartas e das vivências pessoais, nos encontros, uma primeira impressão a respeito de seus respectivos interlocutores. Essa "primeira impressão" nos parece mais apropriada para familiarizar o ouvinte/leitor com um *corpus* desconhecido.

Se o recorte de determinados termos descritivos em detrimento de outros já configura um esboço interpretativo por parte dos autores, abre-se, ao fim de cada um dos perfis, um pequeno espaço para "especulações" dos comunicantes acerca de outro aspecto que ressalta deste esforço descritivo.

Falamos em "especulações" porque, no afã de centralizar nossas atenções nas cartas e em seu conteúdo, não nos resta espaço, em sede de uma comunicação como esta, para empreender uma interpretação minuciosa acerca das questões levantadas.

Conceição Soares de Melo

Ela era "uma gorduchinha simpática", "alegre, saltitante, otimista e risonha" que fora chamada a uma "missão muito árdua [...] mas não desprovida de atrativos", a de ser professora. Ao voltar de suas viagens, alegrava-se ao encontrar seus familiares ("todos os meus") felizes e saudáveis.

Morava com seus pais idosos, seu Antônio e dona Vitalina e suas irmãs solteiras. Não era uma "moça completamente independente". A educação um tanto severa que lhe haviam dado seus progenitores não a permitiam viajar sem o consentimento deles. Não reclamava de sua condição, com raríssimas exceções. Sua vida, no entanto, passou, depois de findas as suas férias do ano de 1956, a carecer de "poesia". Sentia falta de esperar por alguém "no portão de sua casa ou na descida do loteamento" e de "conversar à noite".

Ia aos cinemas todos os domingos, exceto quando "encontrava suspensas as entradas", ou na Quaresma, quando o cumprimento de seus deveres de católica devota a confrontavam ainda mais com a falta de poesia de que reclamava. Olhando da janela de sua casa, podia observar "o grande movimento da rua" Benedito Valadares, onde residia em Pará de Minas, em "uma noite quente e de luar" e ver passarem algumas pessoas amigas, algumas delas com seus namorados.

É quando ela, que nunca se preocupara "com esta espécie de felicidade alheia", chegava a *invejar* os casais de namorados. Sentimento ruim para uma moça tão católica, que, privando-se de seu passatempo predileto (o cinema), na Quaresma para agradar a Deus, incorria, relutantemente, em um pecado capital.

Perdoa-se o deslize. "Nosso Senhor" provavelmente não fecharia os olhos a uma "criatura tão distinta, moça tão normal e sadia espiritualmente", que se esmerava em não descuidar de seus deveres de católica. O Deus de Conceição olharia com bons olhos para os sacrifícios por ela efetuados durante a quaresma, à sua assiduidade às missas dominicais e ao sacramento da eucaristia, aos retiros espirituais durante "a festa pagã" do carnaval e às leituras "de fundo religioso" sobre as quais se debruçava, ao que parece, com assiduidade.

Moça do interior, culta, sensível e de "boa família", portadora de uma "ficha sentimental boazinha", (uma "jóia") é de se espantar que ainda estivesse solteira em 1957, quando ela conheceu, em uma viagem de férias à capital, o homem que pouco mais de dois anos depois viria a se tornar seu marido. Afeiçãoou-se a ele rapidamente.

Menos de um mês depois do encontro com Roque no Cine Acaiaca, ela inicia a correspondência. Suas "cartinhas", manuscritas, são em geral, mais longas que as de seu

interlocutor, escritas em papel colorido e pautado. Primeiro, elas são verdes e, em um dado momento, tornam-se cor-de-rosa.⁴ Ela, aos escrevê-las, sentia-se "conversando" com Roque e constantemente expunha esse seu sentimento no começo de suas cartas,

Já na primeira, expõe, de forma clara, que ficava entre "pensamentos leves e sonhadores" e outros "confusos e realistas", a cogitar sobre a possibilidade de superar suas diferenças para com ele, estabelecendo, por cima delas "uma pista nevada por sobre a qual" pudessem "deslizar harmoniosamente, de maneira a alcançar um mesmo fim".

A "pista nevada" imaginada por Conceição passava, necessariamente, por ao menos uma concessão da parte de Roque Ribeiro. Ele deveria, para que os dois conseguissem viver algo perene, não excluir "Nosso Senhor" da vida e da "amizade" deles. Nota-se, da parte dela uma insistência no sentido de fazê-lo abraçar, de forma completa, o catolicismo. Dizia ela que "a base de toda esta felicidade (o otimismo e a alegria que Roque via em sua personalidade) é a fé: em Deus em primeiro lugar, depois no nosso próximo e em nós mesmos". A insistência de Conceição para que Roque frequentasse as missas aos domingos, comungasse e rezasse por ela, por ele ou por ambos, é aspecto que perpassa toda a documentação, demonstrando-se mais ameno, no entanto, com o tempo e, na medida, em que, de alguma forma, seu interlocutor dizia seguir seus conselhos.

Outros aspectos da "pista nevada" aparecem, no entanto, no decorrer da documentação. A estabilidade financeira de Roque, e alguns "cartões de apresentação" para a família de Conceição (referências de conhecidos acerca da personalidade, da conduta e das intenções do pretendente) foram outros requisitos objetivos a serem preenchidos para que o "fim" almejado por Conceição fosse possível.

Conhecedora astuta do próprio universo familiar, simbólico e político em que está inserida, nossa protagonista se revela uma mulher forte e ativa na consecução de seus objetivos durante todos os cinco anos contemplados pelo *corpus*. É, por outro lado, resignada (até certo ponto), sensata e arguta, assumindo, muitas vezes, o papel de conciliadora nas brigas do casal. Diante de seu namorado impulsivo, dado a tomar todo e qualquer desentendimento como uma ofensa pessoal gravíssima e, em segundo momento, sugerir que "está tudo superado", ela, sem esquecer-se de suas próprias mágoas, adverte sempre seu pretendente a não repetir tais padrões de comportamento, mas perdoa e pede desculpas de

⁴ Seu interlocutor interpreta a mudança da cor do papel da seguinte forma: "Conclúo [sic] que você passou da fase da esperança para uma fase mais concreta, e nesta passou a vêr o futuro através de vidros cor de rosa. Será que acertei?" Carta de 19 de outubro de 1957, de Roque Ribeiro.

forma a, resguardando sua individualidade, superar os entraves que tenderiam a separar o casal de forma que lhe parecia satisfatória para ambas as partes.

A astúcia e o empenho de nossa protagonista em atingir seus objetivos de forma sempre cautelosa e refletida não anulam ou minoram, por sua vez, o tom que pensamos ser sinceramente carinhoso (ou "amoroso") com que ela trata seu interlocutor nas cartas. O mundo de Conceição (e isso vale também para seu relacionamento) é permeado de fé, mas não fecha os olhos para as exigências do concreto.

De tudo que foi escrito sobre Conceição Soares de Melo até o presente momento, há apenas uma inferência que aqui se faz que não encontra eco diretamente, de forma expressa, no texto das cartas: a estranheza do estado civil de nossa protagonista em idade considerada, na época, avançada para o casamento.

Mary Del Priore, referindo-se, ao que parece a um período recuado em trinta anos com relação do recorte, relata-nos que

As mulheres, então, eram persuadidas de que não casar era um insucesso. Fazia-se a diferença entre a solteirona – rejeitada para o casamento – e a solteira, ainda não escolhida, mas casável. As primeiras ficavam conhecidas como formais, deselegantes, retraídas. [...] [ficar solteirona] era uma forma de descensão social, que deprimia as moças maduras. Só lhes restava amores ridículos ou socorro sobrenatural graças a esmolos, trezenas e promessas a Santo Antônio ou São Gonçalo do Amarante [...] [grifo nosso] (PRIORE, 2006, p. 254)

Algumas considerações nos levam, a um só tempo, a justificar o uso desta citação apesar da significativa diferença no recorte temporal e a relativizar a generalização sugerida para a autora para este caso específico.

A justificação dá-se pelas especificidades do meio social de onde emerge Conceição. Criada na rígida ambiência conservadora religiosa e moral que caracterizava, então, as famílias "tradicionais" do interior de Minas Gerais, é possível que seu universo social tivesse muito mais pontos de contato com um tipo de visão de mundo informado por valores que a historiografia, em geral, associa com muito mais frequência ao séc. XIX ou, quando muito, ao começo do séc. XX. O contato com a revolução dos costumes que se operava no período do recorte, se chegou à ambiência sócio-cultural de Conceição, deve ter sido recebida, se não com desconfiança, com uma franca negação. Assim, parece-nos, por um lado, possível sugerir que ela sofresse certa cobrança social no sentido de casar-se e constituir família.

No entanto, o mesmo conservadorismo que colocava o casamento como condição *sine qua non* para o sucesso das mulheres, também ditava que elas deviam ser criteriosas em suas escolhas.

Pense bem nêle [no pretendente], minha filha; vá alimentando essa espera, escolhendo, calmamente, pensando nas qualidades que você querera encontrar nele [...] embora você já viva para aquele que representará Cristo para você. Que você o conheça primeiro; depois então virá o amor, e, finalmente, a consumação do amor, no sacrifício. A Igreja também vive esperando a vinda do Espôso. Ela não está completa e, na sua ansiedade, sabe viver tranquilamente seu tempo de espera, até que Cristo seja total. (MENEZES, 1958, p. 43)

O pequeno livro de onde se extraiu o excerto acima foi encontrado junto aos pertences do casal, no mesmo caixote em que o maço de cartas sobre o qual versa esta comunicação. A relação entre a obra, de cunho didático e a religiosidade de Conceição, pode parecer ainda um "elo fraco", mesmo quando considerado o fato de que o prefaciador da obra foi o Monsenhor Álvaro Negromonte. Conhecido baluarte da pedagogia católica brasileira, o sacerdote foi convidado para ser paraninfo de uma turma da Escola Normal Oficial de Belo Horizonte em 1938, aspecto que denota a influência desse tipo de abordagem educacional em Minas Gerais. (ORLANDO e NASCIMENTO, 2007, p. 183)

Voltemos à citação de Mary Del Priore, especialmente ao grifo. Desenha-se, por inusitada que pareça, a sugestão de que o rigorismo católico com relação ao sacramento do matrimônio direcionado por uma visão que não era estranha a Conceição, abria um caminho, ainda que tortuoso, mas forte do ponto de vista simbólico, para a *escolha* por parte da mulher. Escolha, por certo, que implicava mais em limitações e dificuldades do que em liberdade, mas onde se poderia justificar a não-escolha, o "ficar solteira". De posse deste instrumental, sugere-se que Conceição pode ter se recusado a ser *escolhida* até a idade em que a encontramos, sem que isso significasse um estigma generalizante, de forma necessária.

As considerações que tecemos acima acerca da personalidade desta personagem tendem a endossar esta hipótese. Dotada de um instrumental limitado e limitante, ditado pela rígida ambiência moral em que fora criada, Conceição Soares de Melo tinha a perspicácia e a inteligência para usar deste parco aparato para traçar um caminho (imaginado e nem sempre preciso) rumo à própria felicidade. Irá se casar aos 39 anos, com um homem de quase 50, que dificilmente seria um "partido" ideal para uma pessoa como ela no começo da troca de cartas entre os dois. Mas, com seus conselhos, sugestões, seu persistente afeto, ela acaba por "moldar" (não se ignorando, nesta dimensão, uma concordância ao menos tácita de seu "alvo") uma aparência de "homem ideal" para a "sua sociedade". Tal processo deu-se através da percepção de certos requisitos mínimos que informariam à sua família e a determinado corpo social essa "idealidade" buscada no masculino naquele contexto e da atribuição destes requisitos, de forma real ou retórica, ao objeto de seu afeto, de sua "escolha".

De fato, parece-nos que Roque Ribeiro foi seu escolhido. O papel de Conceição no processo que levaria a seu casamento esteve muito longe de ser passivo.

Roque Ribeiro

Ele era "triste e desiludido com as mulheres", "cético e pessimista", dizia-se, nas primeiras cartas escritas a Conceição, "tímido e desconfiado, sossegado e alheio às coisas do coração". "Desajeitado e algo rústico", duvidava, por conta dessas suas características, do afeto que lhe demonstrava sua interlocutora desde o início das "palestras epistolares" com que se entretinham. As referências elogiosas de Conceição à sua pessoa eram, a princípio, classificadas por ele como "mentirinhas". Indaga se as lisonjas que lhe dirigia Conceição, quando ela diz que o acha "simpático", que anda "saudosos" dele seriam afirmativas verdadeiras "ou mero recurso para preencher papel". Ficava, assim, com essas "dolorosas interrogações" a atormentar-lhe "o atribulado espírito que Deus lhe deu".

Sua relação com a religião era distante. Em um passeio em Belo Horizonte com Conceição, em um domingo de janeiro de 1957, chegou a confessar que "gostaria de ter aquela mesma fé de quando era criança". Não vai, apesar desse seu desejo manifesto, passar o Natal com sua (já) namorada nos dois primeiros anos do relacionamento.

Tivera uma decepção amorosa recente, que, em sua própria descrição, havia-lhe transformado, do "autor das mais lindas cartas de amor" (e ele o diz "sem modéstia"), em alguém sem "estilo algum, graça, construção harmoniosa de frases e pensamentos", "reduzido a uma quase total incapacidade para articular duas palavras, uma pequena frase nesse sentido!".

Talvez ele tenha, nesse ponto de vista alguma razão: suas cartas são curtas e na primeira parte do *corpus*, boa parte de seu esforço redacional encontra-se precisamente em justificar a brevidade de sua escrita, e, por outro lado, em elogiar a fluidez e o "estilo" de sua interlocutora. Há outra explicação para essa brevidade, no entanto, menos dramática: ele escrevia suas primeiras cartas (todas as de sua lavra, no *corpus*, com apenas uma exceção, são datilografadas) na máquina de escrever do escritório da COAP, onde trabalhava, no intervalo do almoço, ao chegar ou ao sair do serviço.

Ousado à sua maneira (dirige-se ao objeto de sua afeição como "gorduchinha simpática e saudosa" ao começar sua primeira carta), Roque encontrava, no final de alguma

de suas cartas uma forma sutil de reclamar do recato de Conceição. Assim ele encerra sua missiva de 30 de abril de 1957: "Um abraço e um (você não dá), de quem não se esquece de você, Roque."

Sua redação, pelo menos a princípio, contempla, costumeiramente, um tom protocolar ("Um forte aperto de mão, com o clássico BOM DIA ou BOA TARDE – dependendo da hora em que esta chegar a suas mãos."), que parece inadequado a uma carta de amor. Também seus "elogios" a Conceição causariam, ao leitor contemporâneo, certa estranheza que merece ser demonstrada. Adjetivos, como "saltitante", "normal", "risonha", além do já apontado "gorduchinha", são de sua lavra. Mesmo o elogio ao "estilo" (assim mesmo, entre aspas no original) de Conceição, na primeira carta, dá-se em termos ambíguos ("é, na realidade, superior e muito próprio de moças de sua mentalidade"). Mas, no decorrer do tempo marcado pelas cartas, revela-se também carinhoso. Em carta de 15 de maio de 1957, em que menciona o "film" "Quando o coração floresce", ele assina pela primeira vez como Roquinho. E assim, no diminutivo, este homem orgulhoso vai se auto-definir, com poucas exceções, a partir de então.

Irônico, arrogante e com possíveis pretensões cosmopolitas (abundam estrangeirismos em sua escrita epistolar, como "chic", "flirt", "fan", e "usted"), Roque é descrito por Conceição como "granfinérrimo" (e ela chega, de forma subliminar, a sugerir que sentia ciúmes de seu apuro quanto à apresentação de sua figura). De fato, um homem vaidoso. Para acontecimentos especiais, ele comprava cortes de tecidos e encomendava a confecção de "peças".

Fascinava-lhe o urbano, as novidades tecnológicas, o teatro e, também, como sua interlocutora, o cinema. Mas se Conceição lançava sobre os filmes um olhar próprio, poético, que às vezes se limitava a uma sugestão que lhe inspirava determinado nome de filme (vide a epígrafe deste capítulo), Roque, em suas cartas tecia algo que em muito se assemelhava a breves resenhas críticas sobre os filmes que assistia.

São abundantes os relatos de Roque de que ia à casa do Dr. Geraldo, irmão de Conceição (nas palavras dele, "seu mano"), "filar" a televisão. Insatisfeito com o contato epistolar e telefônico (este, sempre muito complicado) entre os dois, lamentou: "Se ao menos já tivéssemos o telefoto... nos veríamos a distância, conversando por essa maravilha inventada por Bell e Edson".

Apesar de pomposo, "granfa" e de seu evidente gosto por divertimentos caros e sofisticados, Roque não era, no começo dessa correspondência, um homem rico.

Ao contrário do que se verifica com clareza nas cartas redigidas por Conceição, o Roque Ribeiro de 1957, funcionário da COAP (Comissão de Abastecimento e Preços), deixa indícios muito reticentes acerca de sua família, sua vida pregressa e seu círculo de amizades na documentação sob análise. Sabe-se, pela leitura de suas cartas, que ele esteve no Rio de Janeiro em 1942 (devido à referência a Orson Welles, na epígrafe deste capítulo), que trabalhou entre 1944 e 1946 em cargo similar ao que viria a ocupar na CASEMG a partir de 1958 e que, no começo da década de 1950, era um dos proprietários (e articulista) de um jornal em Caratinga. O nome do jornal ou o nebuloso episódio que o teria levado a sair de sua cidade para voltar ao funcionalismo público na capital mineira não são citados nas cartas. Sobre sua vida amorosa, sabe-se apenas, como já foi dito, que cerca de dois anos antes de iniciadas as "palestras epistolares" entre ele e Conceição Soares de Melo, Roque tivera uma "grande decepção", sob a qual, também, não tece maiores considerações. Quando ocorreu este evento, Roque contava já com 44 anos de idade e era um homem (ainda) solteiro.

A estranha trajetória de Roque Ribeiro abre espaço para uma série de perguntas, que, neste momento da pesquisa, não podem ser respondidas de forma satisfatória. Nascido na primeira década do século XX, em uma região conhecida e relativamente rica devido à produção cafeeira e criado em uma cidade que se notabilizou, ainda que como mito, por ser uma espécie de "celeiro" de jornalistas e intelectuais (Euclides Etienne Arreguy, Augusto Ferreira Neto, João Etienne Filho, Ziraldo Alves Pinto e Ruy Castro, para citarmos alguns exemplos), poder-se-ia cogitar se nosso personagem insere-se, ainda que de forma um tanto acidentada, no tipo de trajetória descrita por Daniel Pécaut (de uma forma) e por seu quase coetâneo Carlos Drummond de Andrade (de outra maneira).

O sociólogo francês, ao falar dos escritores brasileiros da geração de 1920-40, descreve-os, a partir de uma paráfrase de Sérgio Miceli, como

Frequentemente originários de famílias oligárquicas em decadência, confrontados pela rarefação das carreiras tradicionais, expostos à concorrência provocada pela inflação de diplomas conferidos com as diversas faculdades livres recém criadas, eles foram ameaçados, segundo Miceli, primeiramente pelo risco da perda de status. Devido à ampliação do mercado de bens culturais, associada ao desenvolvimento econômico de certas regiões, especialmente São Paulo, foram levados então a renunciar ao antigo estilo de vida das camadas cultas, passando a reconhecer a necessidade de uma "profissionalização" e, ao mesmo tempo, a participar dos debates políticos do momento. (PÉCAUT, 1990, p.p. 19-20)

Diante do tipo de trajetória descrita por Pécaut, cabe-nos fazer uma série de contemporizações. Roque não era escritor ou intelectual, embora, suas cartas, deixassem entrever, de forma tímida, que teve pretensões literárias. Não se pode, por outro lado, afirmar que ele era oriundo de uma família oligárquica decadente. No entanto, seu estilo pomposo, o

já mencionado esmero com sua apresentação pessoal, a caligrafia elaborada (que ele só exercita uma vez em sua correspondência com Conceição) e sua preocupação com o que ele mesmo denomina "as normas da cortesia e do bom-tom" sugiram um contato, pelo menos transversal, com uma ambiência cultural informada por valores (dizemos por falta de melhor palavra) "nobiliárquicos".

Não se nota, tampouco, pelo menos no corpo epistolar, um Roque disposto a engajar-se em qualquer forma de debate político relevante. Esta ausência nos parece natural, contudo, tendo em vista que "cartas de amor" nem sempre são o espaço mais apropriado para demonstrar esse tipo de preocupação.

Citou-se esse trecho da obra de Pécaut como sugestão interpretativa de uma trajetória que parece guardar alguns pontos identitários (ainda que fracos) com a de Roque Ribeiro. Enfatiza-se, no entanto, "a necessidade de uma profissionalização" e um fluxo migratório das elites culturais interioranas para os centros do poder.

Carlos Drummond de Andrade, poeta itabirano sete anos mais velho do que Roque, é exemplo muito apropriado e conhecido do tipo de percurso descrito por Pécaut e Miceli. Escreveu, em um controverso poema, intitulado Confidência do Itabirano:

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói! (ANDRADE, 1973, p.p. 101-102)*

Novamente, a citação serve apenas para alimentar uma especulação sobre certos aspectos da condição em que se encontrava Roque Ribeiro em 1957. Não há relação clara entre os sentimentos de nosso protagonista para com sua cidade e o contundente poema de Drummond. Não se pode dizer que Caratinga, cidade que Roque considera como sua, era, para ele, "apenas um retrato na parede". Chegava a demonstrar, por vezes, certo orgulho de Caratinga, considerando-a "grande e desenvolvida". Enviou para Conceição fotos, postais e um livro sobre a cidade do vale do Rio Doce e desenhavam-se, suavemente, no decorrer do *corpus*, frágeis indícios de algum senso de identificação ou solidariedade com seus conterrâneos que encontra na capital mineira ou nas várias outras cidades do estado que irá percorrer quando, mais tarde, conseguiu inserir-se nos quadros da Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais. Talvez, tenha sido até mesmo por meio de uma "caratinguense", Magdá, amiga de Conceição que ele conheceu sua futura esposa.

Mas a relação mais forte entre a citação do poema e os indícios constantes das cartas recai, novamente, sobre a questão da "profissionalização", que, no caso de Roque, deu-se no

funcionalismo público. Mas por que tão tarde? Drummond, por exemplo, já era funcionário público na década de 1930 e assim permaneceu, apesar da fama e do renome, até a aposentadoria, em 1962. Roque já tinha sido funcionário público, pelo menos na primeira metade da década de 1940. Fez o percurso inverso: voltou a Caratinga, foi "mexer" com jornalismo no interior. Quando, depois de sua breve e acidentada incursão no ramo da imprensa, retornou a Belo Horizonte, começou, nos quadros da administração pública estatal, "de baixo".

A explicação que sugerimos é, novamente, uma conjectura. Diante do que se pode ler nas cartas de Roque Ribeiro, incitamos o ouvinte/leitor a pensar nesse homem como alguém, que por razões talvez até mesmo psicológicas, tenha, de certa forma, "se precavido" contra o "destino manifesto" desenhado, *a posteriori*, por Pécaut e Miceli e murmurado por Drummond. Roque pode não ter visto o "lugar comum" do funcionalismo público a que estavam destinados os homens de sua classe social como "seu lugar". Suas cartas, impessoais, noticiosas guardam muito mais pontos de contato com a imprensa e o ofício "registral" do jornalista do que com as lides burocráticas de empresas estatais ligadas ao ramo da agricultura. Mesmo quando ele acaba, por fim, rendendo-se a esse destino, ele o faz da seguinte maneira:

Fiquei conhecido e muito popular aqui, sendo tratado com muita amabilidade por todos, pelo fato seguinte: o antigo administrador do Armazém, homem sisudo e rígido no cumprimento dos seus deveres de funcionário do Estado, tímido e sem iniciativas, nunca permitiu que se fizesse, nada no Armazém a não ser [manuscrito] receber café, café e mais café. Só isso. Tanto, que há pessoas daqui que nunca haviam entrado sequer dentro dêste colosso [o Armazém]. Pois, eu, fiz o seguinte: quando aqui cheguei, dia 18, estavam com preparativos para os festejos juninos a serem realizados em um pequeno terreiro de séca de café, local acanhado e impróprio. Coloquei o Armazém à disposição das moças da comissão de festejos, e foi aquêla chuá: exultaram de alegria, a notícia correu longe. [...] O meu nome correu por estas regiões e só se fala no "seu" Roque, o homem do Armazém.

Roque, Cisneiros, 27 de junho de 1958.

Deixemos falar, agora, Michel de Certeau, em seu ensaio dedicado ao "homem ordinário":

Produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalistas, os consumidores ["homem ordinário"] produzem uma coisa que se assemelha às "linha de erre" de que fala Deligny. Traçam "trajetórias indeterminadas", aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. São frases imprevisíveis num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas. Embora tenham como material os vocabulários das línguas recebidas [...] embora fiquem enquadrados nas sintaxes prescritas [...] essas "trilhas" continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses diferentes. (CERTEAU, 1994, p. 97)

Roque Ribeiro não escrevia cartas de amor "típicas", não fazia elogios "típicos" ao objeto de sua afeição e, certamente, não queria ser visto como um funcionário público "típico". É um "homem comum", inconformado com esta condição. Ou pelo menos, assim nos pareceu, neste breve espaço para "especulações" pré-historiográficas.

Aspirava, no entanto, melhorar de vida e seu contato e pretensões casamenteiras com Conceição acabaram sendo tanto o motivo quanto, de certa forma, talvez, o "meio" que ele encontrou para se estabilizar financeiramente (à sua maneira) e "subir" a uma colocação mais estável e bem remunerada nos quadros do funcionalismo público mineiro.

Desse esforço, empreendido de forma articulada pelo casal, pela obtenção de maior remuneração para Roque e, posteriormente, pela transferência de Conceição para uma escola da capital, é que emerge certa visão de política que será tratada, de forma mais vertical e com especial atenção, na próxima parte desta comunicação.

Cartões de apresentação e fichas cadastrais

As cartas analisadas aqui apontam diferentes indícios para uma *história das culturas políticas*, quando pensamos esta com uma história das representações, rituais, símbolos, linguagens e imagens do poder. Sendo assim, iniciamos este movimento vertical da pesquisa com os diferentes significados que o termo "política" pode alcançar, na tentativa de tornar claro o uso que será feito deste termo no recorrer desta comunicação. Trata-se, pois, de uma política que extrapola os âmbitos institucionais e governamentais, atingindo as vivências e interações individuais, tal como são apontadas na correspondência.

Nesse sentido, é possível afirmar que Roque e Conceição, ao buscarem a estabilidade necessária para a realização do casamento entre os dois, descortinam certa experiência de política, objetivada para anseios pessoais, que esbarra em nomes e acontecimentos amplamente estudados pela historiografia, na medida em que dizem respeito a uma noção macro-política, ou seja, institucional. Além disso, pontuam-se, ao longo da documentação, relações de poder, interações pessoais, discursos opinativos e trocas sociais que se inserem em uma visão micro-política.

O que nos interessa aqui é buscar um "amalgama" entre detalhe e contexto, amparando-se nos preceitos da micro-história. Quando se destaca o detalhe, é possível vislumbrar uma percepção de política individual e voltada para os interesses particulares de

Roque e Conceição; mas uma ampliação do foco, permite a construção de um quadro mais abrangente que envolve as negociações indivíduo-indivíduo, posições sociais, as articulações entre a micro e a macro-política, relações entre o público e o privado, podendo alcançar, em uma perspectiva geral, uma esfera governamental do período pesquisado.

Diante desse emaranhado em que consiste o universo político sugerido pelas cartas, Para tanto, é preciso ultrapassar as informações obtidas com as cartas, ou seja, cruzar as impressões encontradas na documentação com outras narrativas sobre o período, contrapor análises e pontos de vista diferenciados e procurar intercessões entre o universo político de Roque e Conceição e o contexto histórico e historiográfico em que ele se insere.

Cabe ainda ressaltar que os indícios encontrados na documentação são mais que pistas para uma história política no recorte; eles são o norte desta verticalização, na medida em que servem como ponto de partida e de chegada para esta investigação, que transita entre o social e o político, na tentativa de esboçar uma história das culturas políticas a partir dos relatos de Roque e Conceição.

Citaremos, nesse momento, um longo excerto da carta escrita por Roque Ribeiro em setembro de 1957, que elucida, de maneira bastante informativa, os diálogos possíveis entre a documentação e o terreno político:

De posse de um magnífico cartão de apresentação do Dr. Walter Euler, fui à Secretaria de Agricultura, dia 16, segunda-feira, apanhar a apresentação que o Dr. Alvaro Marcilio me havia prometido, dias antes. Estava ele viajando naquele dia, e talvez demorasse a regressar. Enchi-me de coragem (quando se tem em mira um objetivo e se quer conquistá-lo, apodera-se de nós a audácia, perde-se o acanhamento e “mete-se os peitos”), - enchi-me de decisão e coragem e subi ao 22º andar do edifício Clemente Faria, sede da CEMIG, e procurei um rapaz (irmão de Magdá,) e encontrei uma moça (irmã do João Etienne Filho), ambos meus conterrâneos e disse-lhes que desejava falar com o Dr. Mauricio Chagas Bicalho. Preenchi um papelzinho protocolar e fui imediatamente recebido. Dei ao Dr. Mauricio o cartão do Dr. Walter para lêr e disse-lhe que poderia ter levado uma apresentação de Da. Beatriz ou do Dr. Geraldo para ele, ao que retrucou: “Êste cartão do Dr. Walter, para mim vale como a melhor das apresentações”. Narrei ao Dr. Mauricio o meu caso, o que pretendia, o nosso romance e mostrei a ele o seu retratinho, dizendo-me ele: “Então o senhor está querendo ser nosso parente? A conceição é uma moça muito distinta e educada, e está bem. Eu vou ao Rio amanhã, mas hoje mesmo falarei com o Holanda, Presidente da CEMIG e meu amigo sobre a sua pretensão. O Holanda (Dr. Cândido de Holanda Lima), é cunhado do Bias e este faz tudo que o Holanda lhe pede”. Tomou o meu nome e fez anotações sobre o cargo que estou pleiteando na Cia., e, despedindo-se de mim, disse: “Também tive muito prazer em conhecê-lo”. A impressão que tive do Dr. Maurício foi a melhor possível, atendeu-me com naturalidade, boa vontade e sem pose. Dia 17, terça-feira, às 3 horas da tarde, fui recebido pelo Dr. José Francisco Tamm Bias Fortes, filho do Bias e seu secretário particular. Disse-lhe tudo o que desejava, e ele, depois de ler o cartão que o Dr. Walter lhe mandava por meu intermédio, falou: “O Senhor está muito bem apresentado. O Dr. Walter Euler é nosso velho amigo e temos satisfação em atendê-lo. O Senhor deixa aqui o seu endereço (Tomou nota no próprio cartão) porque a Cia. Está em fase de constituição e oportunamente nós nos dirigiremos ao Senhor”. Saí do Palacio esfregando as mãos de contente, pois tenho a impressão de que a coisa sairá melhor do que eu esperava. Estou acompanhando pelos

jornais e sei que a Cia. já tem estrutura jurídica, já foi nomeado o incorporador (Fidelcino Viana, ex-deputado estadual e alto funcionário da Prefeitura local, meu conhecido), faltando a nomeação da Diretoria, o que se dará dentro dos 45 dias que o Governador ainda tem de praso.

Roque, Belo Horizonte, 23 de setembro de 1957

Ao narrar sua trajetória, que culminou em sua ida ao Palácio da Liberdade – sede do governo mineiro – em busca de uma colocação na Companhia de Armazéns e Silos de Minas Gerais, Roque Ribeiro desvela uma série de indícios e sugestões para a construção de certa ambiência política.

Essa ambiência pode ser compreendida como uma rede de interações que abarca diferentes concepções políticas: a ascensão individual, o estabelecimento de contatos interpessoais, zonas de influências de poder, hierarquias políticas, mediações, estrutura familiar, esferas administrativas e governamentais, relações indivíduo-indivíduo e indivíduo-Estado e confluências entre o público e o privado, em síntese, uma complexa *rede de poderes*.

Pode-se inferir daí que a conquista de um emprego público, encarada como anseio particular, leva Roque Ribeiro a se utilizar de uma organização interacional política de amplo alcance, que aproxima seu interesse particular à administração do estado de Minas Gerais. Recomendado por um homem de prestígio político, anunciando sua relação com a família de Conceição e contando com a ajuda de alguns conterrâneos conhecidos por ele, Roque se insere em uma teia de contatos que viabiliza a comunicação direta – mesmo que mediada – entre ele e o filho do governador do estado, além da garantia de que seu pedido será atendido.

Foi a primeira vez que a Beatriz veio aqui, depois de nosso romance. Você que já a conhece, pode imaginar o delicioso espalho que ela deu. Falou muito de você a mim e a minha família. Contou-me seu encontro com o Dr. Maurício, dizendo que ele teve ótima impressão de você, e vai mesmo ajudá-lo no que pediu. São suas palavras: “Você, conhece, Nenem, o Maurício, quando ele elogia uma pessoa, é porque esta é boa mesmo.”

Achei muito bom ela ter contado isto aqui. Não é que isto vai aumentar minha admiração por você, esta já se transformou em amor tão grande, que penso até não poder aumentar mais... porém, achei bom, como uma apresentação sua à minha família, não acha?

Conceição, Pará de Minas, 27 de setembro de 1957

Eu supunha estar transmitindo a você uma notícia inédita, um “furo” sensacional sobre a minha conversa com o Dr. Mauricio Chagas Bicalho e você já o sabia! Da. Beatriz é mesmo “de morte”! Com aquela vivacidade, com aquele espírito irrequieto e com aquela loquacidade, eu calculo o SHOW dado aí por ela... temos de reconhecer que ela tem sido nossa amiga e sua ação com encarregada da minha ficha cadastral foi que levou o nosso romance a bom termo e o nosso futuro e tão esperado himeneu celebrar-se-á com aprovação e assentimento gerais graças ainda à sua ação diplomática...

Roque, Belo Horizonte, 5 de outubro de 1957

Nestas cartas, faz-se clara outra dimensão política da trajetória de Roque em busca de uma colocação na CASEMG. Trata-se do assentimento, por parte da família de Conceição, ao relacionamento que se desenha entre os dois personagens.

Por isso, trabalhamos aqui com a idéia de simultaneidade:

O passado não é ordenado nem imóvel – pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na simultaneidade e na multiplicidade de visagens que se depõem, se desarranjam, combinam-se umas as outras e logo se repelem, construindo não um passado, mas vários passados. (NAVA, 1983, p. 344)

Ao mesmo tempo em que Roque relata em uma carta o andamento de suas ações para conseguir o emprego que almejava, Beatriz, cunhada de Conceição, descreve em Pará de Minas, ao seu modo, o processo percorrido por Roque. Pode-se dizer, em certa medida, que a narrativa de Beatriz aos familiares de Conceição tem o mesmo uso que o cartão de apresentação escrito por Walter Euler.

Dando seqüência a esta analogia, a inserção de Roque em certa rede de influências, requer a recomendação de alguém que faça parte desta rede; o mesmo vale para a “admissão” em uma família tradicional como pretendente de uma de suas filhas. Neste ponto, Roque conta com a habilidade “diplomática” de Beatriz que se encarrega de promover a “ficha cadastral” do “candidato” ao “cargo” de marido de Conceição Soares de Melo.

Dessa forma, pode-se delinear uma articulação bastante ampla entre os dois processos de inserção antes explicitados, que se configura em *como* essa inserção se dá, ou seja, nas estratégias e táticas adotadas para que Roque possa pertencer a essas esferas específicas de poder. Além disso, há um elo que une o processo institucional e o familiar em uma rede ainda mais abrangente. Trata-se de Maurício Chagas Bicalho, figura que integra esses dois universos.

* * *

BICALHO, Maurício Chagas

Ministro, secretário de estado, banqueiro, advogado e jornalista, nasceu em Oliveira, MG, a 19 de março de 1913. [...]

Foi Secretário do Interior e Justiça de Minas Gerais no Governo Juscelino Kubitschek de Oliveira (22/2/54-30/3/55), tendo eventualmente exercido, no período, o cargo de Chefe de Polícia. Ocupou a Pasta da Fazenda, como Ministro interino, em 1959 e 1960, durante impedimentos do titular.

Foi Presidente do Banco do Brasil (3/6/59-1/6/60) e dos Bancos Mineiro da Produção S.A. e Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais S.A. (3/1/67-30/8/67). Coube-lhe promover a fusão dos dois últimos estabelecimentos no [então] atual Banco do Estado de Minas Gerais S.A. – Bemge – cuja Presidência ocupou de setembro a novembro de 1967. De 1967 a 1960 presidiu

o Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A., designado pelo Governador Israel Pinheiro da Silva.

Desempenhou, ainda, os seguintes cargos e funções: [...] Diretor das Centrais Elétricas de Minas Gerais (1952-54) e da Central Elétrica de Furnas S.A.; Diretor da Carteira de Redesconto do Banco do Brasil (1958-1959); Diretor Executivo e Governador Adjunto do Fundo Monetário Internacional (1960-1966); Governador Adjunto do Banco Mundial e Diretor da Associação Comercial de Minas. (MONTEIRO, 1994, p.p. 93-94)

Mandeí dia 12 dêste uma carta ao Dr. Mauricio, no Rio, dizendo-lhe que soube por você de sua elevação ao alto cargo de Diretor da Carteira de Redescontos do Banco do Brasil. Comprimentei-o por isso, agradei-lhe o haver influido para que entrasse eu para a CASEMG e fiz votos para que seu nome ilustre e honrado se projete cada vez mais no cenário nacional, para satisfação de seus amigos e grandeza da nossa terra.

Roque, Cisneiros, 14 de setembro de 1958

* * *

Esse homem representa, simultaneamente, o “antigo” e o “moderno”, na medida em que personifica a tecnocracia do “desenvolvimentismo” do governo Juscelino Kubitschek e a força da tradição e das ligações familiares ou do apadrinhamento político. Ele é a via de acesso de Roque Ribeiro a dois universos que, em um olhar objetivo e detalhista, se confundem de forma indissociável.

Chagas Bicalho era, a um só tempo, nome conhecido nas publicações dos Diários Oficiais de Minas Gerais e da União, por suas constantes e quase ininterruptas nomeações a diferentes cargos públicos e, também, o parente de Conceição⁵, que, tinha em sua palavra, uma força quase mágica. O simples fato de D^a Beatriz dizer, diante da família Soares de Melo que Mauricio teve de Roque “uma ótima impressão” serve como apresentação formal dele àquele núcleo, ou seja, sua aceitação neste.

Pode-se dizer que as cartas tratam de um Mauricio Chagas Bicalho que serve de ponte em uma “via de mão dupla” que liga o pessoal, o familiar ao público. Nesse ponto, é comum encontrar em análises historiográficas menção a uma confusão entre o público e o privado, ou seja, o uso do poder institucional em benefício de interesses pessoais, como fica claro nesse comentário de Sérgio Buarque de Holanda:

A escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias. [...] No Brasil, pode-se dizer que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em

⁵ O parentesco que se estabelece entre Conceição e Maurício Chagas Bicalho é indireto; este é irmão de Beatriz Chagas Bicalho Soares Melo, portanto, concunhado de Conceição.

círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram um modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas. (HOLANDA, 1995, p. 146)

Percebem-se pontos de confluência entre a análise de Sérgio Buarque e as informações obtidas pela documentação. No entanto, é difícil afirmar que as concepções políticas de Roque e Conceição tratem, exclusivamente, de um jogo de interesses identificáveis com o *patrimonialismo*. Sendo a correspondência em questão fruto de uma relação íntima, as visões do “político” apontadas são também muito pessoais e restritas.

Tratamos até aqui de práticas políticas narradas ou sugeridas por Roque e Conceição em suas cartas de amor, em uma escrita esparsa, fragmentada, tal como elas aparecem no decorrer da correspondência. Busca-se, ao mesmo tempo, construir eixos para analisar tais práticas como um todo.

* * *

Durante minha ausência, entraram no armazém, 32 vagões com mais de oito mil sacos de café. Já estamos com 31.000 sacos, e entrando sempre e cada vez mais... É uma confusão de tanto papel, escrita atrasada, só você vendo. Preciso muito de minha noivinha, ou minha mulherzinha, aqui, para me ajudar-me... A propósito, mando-lhe cópia de uma carta que enderecei aos Diretores da Companhia sobre a possibilidade de sua requisição da Secretaria de Educação. Vamos vê o que responderão. Acho bom você também entrar com sua “política”, até mesmo um pedido do Dr. Mauricio ao Dr. Fidelcino. Os candidatos são tantos... [nota marginal] Preguei uma mentirinha aos Diretores da Cia. Dizendo que você faz toda a contabilidade do “Ginásio São Francisco”, de Pará de Minas...

Roque, Cisneiros, 12 de outubro de 1958

Notável a carta que você escreveu aos Diretores para a minha requisição. Espero que tudo nos saia favorável. Estou aguardando oportunidade para conversar com o nosso Deputado.

Conceição, Pará de Minas, 16 de outubro de 1958

Assim é que começo pela carta que mandei aos Diretores da CASEMG. Recebi, em resposta, a carta que lhe mando junto, que peço me seja devolvida. Nela há uma tenue esperança de, futuramente, fazerem sua requisição, o que eu não acredito. Há dias, aqui chegou estraviada, uma carta da Companhia dirigida à Agência de Resplendor. Estavam pedindo um escriturário, e responderam a mesma coisa: a Companhia não está nem nomeando nem requisitando funcionários. Portanto, está mal, pois não aconselho você pedir sua transferência como professora, dada a dificuldade depois para sair, como você me explicou. [...] Ainda sobre a

sua requisição para a Companhia, sou de opinião que será melhor você não tocar no assunto com o tal Deputado daí, pois a Companhia poderá pensar que estamos tentando uma solução para um assunto sobre o qual ela já se pronunciou. Se eles tiverem mesmo a intenção de requisitá-la futuramente, não será necessário êsse pedido.

Roque, Cisneiros, 23 de outubro de 1958

Assim que Roque foi alocado na CASEMG como gerente do Armazém da cidade de Cisneiros, o casal percebe a necessidade de transferir o cargo de professora, ocupado por Conceição, para essa cidade. Novamente, é possível notar uma tentativa de se encurtar o processo por meio de pessoas influentes na esfera pública de poder. Nesse sentido, é interessante realçar o papel ativo de Conceição; Roque fala de “uma política”, ou seja, um modo de atuação, que é típico de Conceição. Pode-se pensar que ele se refere às zonas de influência da família Soares de Melo.

Outro ponto digno de nota é a menção que ela faz a certo deputado, chamado por ela de “nosso Deputado”, expressão que revela uma ligação próxima entre ela e o referido político e que essa proximidade pode auxiliar em sua transferência de Pará de Minas para Cisneiros.

No entanto, é preciso ressaltar que as atuações políticas empreendidas por Roque e Conceição em favor de seus interesses particulares, nos interessam como demonstrativos de mobilizações e articulações de nossos personagens em prol da consecução de determinados objetivos com diferentes núcleos de poder. Isso porque as medidas tomadas pelo casal nem sempre culminam em uma realização efetiva de seus anseios. Além disso, a documentação não oferece indícios suficientes para afirmarmos com certeza que a mediação de homens influentes, de fato, interferiu nos acontecimentos narrados ou se esses se deram por procedimentos burocráticos impessoais.

* * *

*Para atingir esta velha Diamantina,
O ônibus teve enorme trabalho,
Mas cumpriu afinal a sua sina:
Chegou à terra de Nonô⁶, o embrulhão.*

Roque, Diamantina, 26 de janeiro de 1961

Dia 15, antes-de-ontem, estive aqui o Dr. Tancredo Neves, o Premier. Veio encerrar uma semana de debates sobre o parlamentarismo. Fui assistir, no Club de Uberlândia, um dos

⁶ Nonô era o apelido do ex-presidente Juscelino Kubitschek (mandato de 1956- 1961). Sobre a relação entre a conjuntura política mineira e a eleição de JK: RAMOS, Plínio de Abreu. *O PSD Mineiro*. Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993

mais chics do Brasil, só você vendo que beleza de Club... Assisti a inauguração desse Club em janeiro de 1957, nos dias do nosso conhecimento. O Tancredo, de perto, é muito pequeno e careca mesmo, mas fala muito bem. Subi em uma balança, ontem, e ela acusou 83 kilos. Estou, pois, com meu pêso normal, ou engordei um pouquinho.

Roque, Uberlândia, 17 de novembro de 1961

Além das práticas políticas em torno de anseios pessoais, a correspondência analisada revela curiosos pontos de vista sobre o universo macro-político do período.

Quando explicitamos a visão de Roque Ribeiro sobre alguns homens ilustres, torna-se notório o lugar simbólico que essas figuras têm no cotidiano de um funcionário público, ao menos no que se refere a suas cartas de amor. Não se pode inferir, a partir da correspondência, a opinião que Roque e Conceição têm sobre o governo ou sobre os políticos nesse período. Isso porque o universo político governamental não entra em contato direto com o relacionamento amoroso, que se constrói através das cartas.

Os aspectos que ressaltamos das fontes para falar sobre “culturas políticas” são, na verdade, um imbricado universo de imagens diversas que se confundem com a própria vivência de Roque e Conceição.

Propositalmente, elencamos essas imagens de maneira sobreposta e descontínua, pois qualquer tentativa de sistematização dessas informações ofuscaria aquilo que as cartas têm de mais instigante: a multiplicidade e a simultaneidade.

Estabelecer um fio condutor para as imagens políticas encontradas na correspondência seria uma imposição que nada diria sobre as fontes ou sobre seus narradores. As práticas e visões políticas apontadas por este trabalho se desenrolam em torno, como já se sugeriu, da construção de “uma pista nevada” por sobre a qual nossos personagens pudessem “deslizar harmoniosamente, de maneira” a alcançarem “o mesmo fim”. Essa construção é, na verdade, a “prática política” central da narrativa. Todas as outras, estão a ela conectadas ou, mesmo, são diferentes facetas do esforço conjunto de Roque e Conceição em prol da realização de uma vida em comum.

Conclusão (prólogo)

Buscou-se explorar, nessa comunicação, sugerir possibilidades de um olhar histórico sobre cartas de amor informado pelo paradigma indiciário de Carlo Ginzburg. O método

sugerido e empregado pelo historiador italiano é o "terceiro personagem" desta escrita (o narrador ou a forma de narrar), que a partir do binômio estranheza-familiaridade diante dos termos da documentação, faz perguntas, especula, sugere, verticaliza e produz, por fim, um texto historiográfico.

Mas não só. Esta comunicação trata de uma história de amor. Durante o período do recorte, nessa outra dimensão que se desenha para além deste trabalho, ou seja, nas próprias cartas, outra personagem se faz presente: a distância. A ela devemos as agruras de nossos personagens e, também, a existência do *corpus* estudado. A grande vilã desta história foi, em última análise, sua co-autora silenciosa. Quando a distância desapareceu, a narrativa epistolar encontrou um final abrupto.

Conceição e Roque já estavam casados há três anos quando uma carta, redigida por ele, na cidade de Resplendor em outubro de 1962, encerra, de forma reticente, a fase epistolar deste romance. O enlace, tão sonhado por eles, não eliminou a distância da vida dos dois instantaneamente. Depois do casamento, Conceição passou a viver e lecionar em Belo Horizonte e Roque dividia-se entre a casa dos dois e múltiplas viagens ao interior de Minas Gerais, encargos de sua tão almejada colocação em um posto de gerente na CASEMG.

O final da correspondência entre os dois sugere que a distância tenha desaparecido e que eles tenham conseguido, de alguma forma, levar uma vida em comum. Sugere, mas não o diz. Não há ainda elementos suficientes para afirmar o que aconteceu depois da última carta e nem é, por enquanto, nosso propósito ultrapassar essas fontes.

Aí o novo desafio desta pesquisa - narrar, historiograficamente a continuidade desse romance - e nosso ponto final, em sede desta comunicação sobre cartas de amor.

Bibliografia

- GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* In: Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PRIORE, Mary Del. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MENENEZES, Eneida Assumpção. *Para minha filha Raquel: Conceito Cristão de Vida Sexual*. Prefácio de Álvaro Negromonte. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- ORLANDO, Evelyn de Almeida e NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A Igreja Católica e a Educação Brasileira: Álvaro Negromonte e o Discurso de Moralização da Nação*, Scientia Plena, vol.3, n.5, 2007.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990, p.19-20.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confidências de Itabirano* In: *Sentimento de Mundo*. Obra completa. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1973.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Edição estabelecida e apresentada por Luce Giard. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MONTEIRO, Norma de Góis (Coord.). *Dicionário Biográfico de Minas Gerais – período republicano – 1889-1991*. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RAMOS, Plínio de Abreu. *O PSD Mineiro*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.